

5

A “blogosfera” como espaço público

5.1

Apanhado histórico

A praça pública foi durante muitos anos o principal palco dos relatos de certas comunidades, como lembra Fernando Resende (2002). Na Grécia antiga, era na praça que se discutiam questões de interesse dos chamados cidadãos livres, “atores de uma comunicação ainda distante de ser social, [...] cujo objetivo restringia-se ao conceito de ‘tornar comum’”, embora ainda não no sentido de um compartilhamento (Resende, 2002, p. 158-159). A esfera pública⁶⁹ era reduzida aos que pertenciam a esse seletivo grupo social, que não incluía escravos e mulheres.

No mesmo trabalho, o autor acrescenta que a idéia de comunidade como conjunto de espaços não-privados ocupados pelo povo nasceu do direito romano. Foram também os romanos que legitimaram a figura do senhor feudal como representante dos interesses privados – tidos, na época, como interesses da coletividade. Resende (2002, p. 159) afirma: “Os atores da comunicação mudavam de roupa – deixavam o poderio moral e/ou social grego – mas continuavam sendo os detentores de algum tipo de saber [...] que lhes dava o direito e o lugar privilegiado de fala”. Foi no século XV, com o enfraquecimento da figura do senhor feudal, que o Estado, representado pelos reis, assumiu o papel de representante dos interesses coletivos.

A noção de espaço público foi pouco a pouco se modificando até assumir a conotação de uma possível confluência de vozes já na modernidade, na Europa, quando a burguesia emergente se deparou com a necessidade de manobrar a disputa de interesses entre Estado e cidadãos em proveito próprio. Resende (2002) observa,

⁶⁹A esfera pública é aqui compreendida no sentido de Jürgen Habermas (apud Hallin, 1996), como o domínio da vida social no qual os cidadãos discutem assuntos de interesse geral. Espaço público é tido como o lugar concreto onde esses debates se dão.

ainda, que na segunda metade do século XVIII, quando surgiu a categoria da opinião pública, o espaço público ganhou novos atores e também cenários. Foi nesse período que floresceu a imprensa escrita. Na França pré-revolucionária, os cafés, por exemplo, tornaram-se locais onde cidadãos discutiam acaloradamente temas de interesse comum. Desde então, os meios de comunicação vêm ganhando força como importante palco de discussão de temas de interesse público.

Integrante da Escola de Frankfurt, Jürgen Habermas (1984) viu a imprensa na sociedade burguesa como símbolo do declínio da esfera pública, em função da emergência dos interesses mercadológicos, mas 30 anos depois sentiu necessidade de reavaliar a obra⁷⁰, traçando dessa vez “uma versão menos normativa que a primeira, livre das perspectivas (sedutoras) do Estado-Providência; uma versão enfim que leva em conta mais as mediações sociais da comunicação do que aquelas referentes às mídias” (Miège, 1999).

Muitos são os autores que vêm na imprensa uma das principais esferas de discussão pública de nosso tempo. Pierre Lévy (2004) observa que, nos séculos que se seguiram ao surgimento da impressão tipográfica, a mídia impressa criou um espaço público capaz de reunir milhões de pessoas dispersas em um vasto território. Segundo o autor, a mídia audiovisual teria exacerbado a potência da esfera pública nacional, ao passo que o surgimento da Internet estaria produzindo uma esfera pública mais complexa e ampla (não mais limitada às fronteiras territoriais das nações).

A Internet é central na formação do que Manuel Castells (2003) denomina de uma “sociedade em rede”, onde os meios de comunicação ocupam papel fundamental. Para o autor, nessa sociedade de países interconectados, a prosperidade dependeria basicamente da capacidade dos países de gerar, processar e aplicar de forma eficiente informação baseada no conhecimento. De nada adiantaria, pois, o imenso volume de informação a que se pode ter acesso a partir da Internet sem a existência de massa crítica para processá-la.

⁷⁰O texto em que Habermas revê as idéias de seu livro *Mudança estrutural na esfera pública* foi publicado no Brasil com o nome “O espaço público: 30 anos depois”, pelo *Caderno de Filosofia das Ciências Humanas*, Belo Horizonte, v. VII, n. 12, abr. 1999. L

Do ponto de vista sociológico, a novidade chega num período de esvaziamento dos espaços públicos tradicionais, como praças e ruas; baixa vivência urbana (Canclini, 1997) e enfraquecimento dos movimentos sociais (Castells, 2003). A Internet emerge, em contrapartida, como forma capaz de promover a interação social e o debate público (Lévy, 2004), apesar de ainda não estar disponível a todos os cidadãos, sobretudo em países em desenvolvimento, como o Brasil⁷¹.

O surgimento da Internet comercial e, num segundo momento, dos blogs, se dá num quadro de enfraquecimento do Estado como instância que ordena de modo eficaz a vida dos cidadãos (Giddens, 1990), bem como de instituições como a escola e a própria família. Para o autor inglês, o cenário leva os indivíduos a serem mais individualistas e reflexivos – precisam resolver por conta própria tudo o que se refere a suas vidas, pois já não há mais quem faça isso por eles.

É Castells (2003) que irá dizer que a atual crise de legitimidade política, caracterizada por um distanciamento crescente entre os cidadãos e seus representantes, faz com que a sociedade civil tente preencher o vazio de representação por meio de sistemas autônomos de comunicação, como a Internet e a comunicação sem fio. Em outras palavras, a Internet pode auxiliar o cidadão a solucionar, por conta própria, questões que não tem mais quem resolva em seu lugar.

Chama a atenção de Bernard Miège (1999) o fato de que, no espaço público da contemporaneidade, as novas tecnologias e os diferentes meios de comunicação tornam-se canais mediadores dos debates de interesse comum, numa sociedade em que um crescente número de agentes sociais passa a saber usar as técnicas de comunicação. Os meios teriam, dessa forma, influência direta sobre as mensagens veiculadas, a partir das possibilidades de interação que proporcionam. Esse espaço público da contemporaneidade seria, dessa forma, um espaço ampliado (a um maior

⁷¹Se, por um lado, no Brasil ainda é grande a parcela da população que não tem acesso à rede, seja por falta de computador em casa, na escola ou no trabalho, ou por analfabetismo (14,6 milhões de pessoas em 2002, segundo o IBGE), por outro, a expansão da rede no país é extremamente rápida. Segundo a última Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios (Pnad), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2005 havia 32 milhões de usuários de Internet no Brasil – mais do dobro do número de 2001. Segundo o instituto, 21% da população com dez anos de idade ou mais já acessaram a rede. Em 2001, esse percentual era de 8,6%.

número de pessoas) e com tendência à fragmentação (por haver uma desigualdade de participação), segundo Miège (1999). Seria também espaço de negociação de saberes e poderes; de articulação de forças e interesses num mundo regido pelos meios de comunicação; um espaço que tem o conflito como norma.

No esforço por recompor as etapas que a noção de espaço público atravessou nas sociedades liberais-democráticas, Miège (1999) chama a atenção para o fato de que a imprensa de opinião do século XIII, de forma artesanal de produção e estilo polêmico – por que não conflituoso? – consegue estabelecer uma proximidade muito grande entre os jornais e seus leitores. No entanto, a partir do século seguinte, a imprensa comercial, ‘de massa’, produz um distanciamento e a opinião pública torna-se uma construção.

A nosso ver, blogs políticos como os de Ricardo Noblat, Josias de Souza e Jorge Bastos Moreno – nos quais as áreas de comentários têm sido usadas para um debate regido por poucas regras sobre os mais diversos temas que envolvem a vida pública do país – se configuram como novos espaços de interação que possibilitariam uma reaproximação entre público e formadores de opinião. Reconhecemos com muita clareza, nesses blogs, características que Resende (2002) identifica na mídia impressa como típicas do espaço público contemporâneo.

A eclosão de narrativas – de modo conflituoso porque também assimétrico e fragmentado, pois se fala de tudo e de todos os modos, ainda que nem todos tenham acesso à fala e/ou à escuta – contribui para a resignificação deste espaço. Nesse sentido, o ato jornalístico, como qualquer outro ato discursivo, é reflexo e ao mesmo tempo provoca a reconfiguração do espaço público. Ele remodela os lugares [...] nos quais se manifesta. Ele é ato. (Resende, 2002, p. 166)

É para essa eclosão de narrativas, no espaço conflituoso por natureza dos blogs políticos, que nos propomos a olhar neste capítulo. E aqui compreendemos narrativas como o conjunto formado pelo texto do jornalista (notícias e/ou comentários mais ilustrações e/ou fotos, quando elas existirem) e os textos dos leitores (deixados nas áreas de comentários como *feedback*). Nas áreas de comentários dos blogs, o leitor pode não apenas deixar sua opinião acerca de um assunto em questão, como também se informar sobre esse assunto, conhecendo outros

pontos de vista e trocando idéias com outros leitores e com o jornalista. Nesse processo, acreditamos que o próprio sentido original da notícia é reconfigurado, uma vez que seu texto não se esgota no que foi dito pelo jornalista.

5.2

Quando o leitor (re)configura o sentido da notícia

Nas áreas de comentários das páginas dos três blogs estudados neste trabalho, todos os dias centenas de pessoas trocam idéias sobre alguns dos principais temas da discussão nacional – boa parte das vezes um tanto caoticamente, outras nem tanto. Sem deixar de lado as limitações da blogosfera como espaço público, o que se pretende aqui é analisar, a partir de alguns exemplos concretos, o modo como as áreas de comentários reconfiguram as notícias que compõem esses blogs, ampliando sua gama de significados e ao mesmo tempo renovando o sentido da participação do leitor no jornalismo contemporâneo.

Como a possibilidade do contato direto com o leitor afeta o trabalho do jornalista? E para o leitor, o que muda? Até que ponto as discussões conseguem se aprofundar no espaço dos blogs? São perguntas de fundo que sem dúvida não se esgotarão neste capítulo, mas que orientam nosso percurso ao analisar cinco conjuntos de notícias mais comentários de leitores nos blogs de Ricardo Noblat, Jorge Bastos Moreno e Josias de Souza. Nossa proposta não é em absoluto realizar um estudo de recepção, mas lançar um olhar para a produção jornalística nesses blogs, aqui encarada também como processo complexo que não se dá por uma via de mão única.

Os textos escolhidos referem-se a assuntos diversos – o primeiro deles sequer tem ligação com a política, que é o tema principal dos *blogs* analisados. Sua seleção está relacionada principalmente à riqueza das discussões que provocaram, mas também ao interesse da autora deste trabalho – que aqui se propõe a olhar seu objeto com olhos de pesquisadora, sem contudo perder de vista suas preferências como leitora e jornalista.

Dos cinco textos, três são do Blog do Noblat por ser este, entre os três pesquisados, o que mais claramente aproveita as contribuições dos leitores no dia-a-dia. O primeiro texto escolhido, lembrando os 25 anos da morte de John Lennon demonstra a riqueza dessa interação, uma vez que foi posto no ar a pedido de um leitor. Do ponto de vista de sua construção narrativa, a notícia não tem nada de inovador. Não se pode dizer o mesmo, contudo, dos comentários que ela suscitou.

Há exatos 25 anos, Mark David Chapman matou John Lennon em frente ao edifício Dakota, em New York, onde Lennon morava com sua mulher Yoko Ono. Ambos voltavam de um estúdio em Manhattan. Para lembrar a data, José Luiz, leitor do blog, pede a publicação da letra de Imagine, talvez a mais célebre canção composta por Lennon. Segue:

Imagine

Imagine não há céu nenhum
 É fácil se você tentar
 Nenhum inferno debaixo de nós
 Sobre nós só o céu
 Imagine todas as pessoas
 Vivendo para hoje, ah-ha
 Imagine não há nenhum país
 Não é difícil fazê-lo
 Nada para matar ou pelo que morrer
 E nenhuma religião também
 Imagine todas as pessoas
 Vivendo a vida em paz [...]
 Você pode dizer que eu sou um sonhador
 Mas eu não sou o único
 Eu espero que algum dia você se junte a nós
 E o mundo viverá como um (Blog do Noblat, 8 dez. 2005)

Quando foi veiculada, em 8 dezembro de 2005, a nota provocou relativamente poucos comentários, talvez por não tratar de assunto polêmico, mas apenas relembrar um fato histórico. Entre 10h17m e 20 horas, 32⁷² pessoas deixaram suas impressões no blog. Esses e os demais comentários analisados neste trabalho são reproduzidos da forma como foram veiculados. Para ser fiel a eles, preservamos inclusive o recurso da

⁷²No dia 11 de dezembro de 2006, quando voltamos à nota em questão para conferir dados antes de concluir esta dissertação, havia apenas 11 dos 32 comentários originais. Algumas das falas aqui registradas, de leitores como “Juca do Gumelo”, “prof. Caldas” e “Cláudio SP”, foram retiradas do ar. Segundo Ricardo Noblat, isso indica que em algum momento esses leitores desrespeitaram as normas do blog e foram bloqueados. O bloqueio do usuário é a penalidade máxima do blog. Quando acontece, todos os comentários já feitos pelo usuário na história do blog desaparecem.

caixa alta e eventuais erros de grafia e pontuação. Só não foi possível manter a íntegra de todas as falas – muitas delas demasiado longas.

O leitor “Juca do Gumelo” fez um primeiro comentário que dificilmente ganharia espaço nas quase sempre politicamente corretas colunas de cartas de leitores dos principais jornais: “Ou sou mau-humorado ou sei lá: não sei por que tanto elogio ao John Lennon... prefiro a Madonna”. A opinião, de duplo sentido (não é possível saber ao certo se ele prefere Madonna do ponto de vista musical, no aspecto físico ou de ambas as formas) é sucedida por uma fala do leitor “prof. Caldas”, retomando uma discussão de décadas, sobre a influência da esposa de Lennon, Yoko Ono, em sua vida e obra: “Depois que Lennon encontrou Yoko Ono sua vida virou uma bobagem atrás da outra”.

Essa associação ao passado do ídolo do rock é uma forma de o leitor estabelecer a consonância do tema: eventuais pontos de vista novos se dão a partir de uma discussão já conhecida. A remissão à história de Lennon cria também uma personalização da notícia. Percebemos que certos critérios de construção de texto usados pelos jornalistas são muitas vezes incorporados também pelos leitores, à medida em que eles se tornam co-narradores das notícias. Assim como os blogueiros, os leitores de blogs, fazem um uso peculiar desses critérios – quase sempre tornando mais complexo o jogo de leitura.

Os comentários provocados pela letra de “Imagine” vão se tornando um bate papo *on line* entre leitores que, ao que tudo indica, não se conhecem pessoalmente⁷³ e podem estar fisicamente em qualquer parte do Brasil ou do mundo, mas que partilham do mesmo código. É o leitor de pseudônimo “Inaudito” que muda o rumo da conversa para política, aparentemente o assunto preferido dos leitores que participam das áreas de comentários. Ele pega uma carona na poesia de Lennon para defender seus próprios ideais ao dizer:

“Eu espero que algum dia você se junte a nós.”

⁷³Alguns demonstram, contudo, se conhecer virtualmente – já conhecem os pontos de vista de alguns comentaristas e os chamam para trocar idéias.

Venha, amigo, venha para junto dos espíritos livres, venha construir um novo Brasil, esta construção começou em 2003, ainda a tempo para você ajudar, venha... (Blog do Noblat – área de comentários, 8 dez. 2005)

“Inaudito” é um dos comentadores freqüentes do blog e está sempre defendendo o governo Lula dos ataques do grande número de antigovernistas que freqüenta o espaço. Ao dizer que a construção de um mundo melhor começou em 2003, faz uma referência indireta ao início do governo Lula. “Cláudio SP” faz verso para se contrapor a “Inaudito”, e diz:

Imagine um Brasil sem Lula
 É fácil se você tentar
 Nenhum PT a nos achincalhar
 Todos os corruptos em cana
 Imagine todas as pessoas
 Trabalhando e crescendo em paz
 Você pode dizer que eu sou um sonhador
 Mas eu não sou o único. (Blog do Noblat – área de comentários, 8 dez. 2005)

Um leitor pode deixar seu comentário em um blog sem ter lido os demais. Pode simplesmente ler o que o jornalista escreve, registrar o que achou e ir embora, se assim quiser. Mas o encadeamento das falas dos leitores indica que boa parte das vezes eles só registram suas opiniões após ter lido as demais – ou ao menos parte delas, quando o número de comentários é muito grande. No caso específico desse conjunto de comentários, fica claro que cada fala vai sendo tecida porque uma outra existiu, numa construção *sui generis* de texto (pelo menos para o jornalismo), tanto do ponto de vista de seu encadeamento quanto de sua forma narrativa. Neste caso, os versos de Lennon inspiram dois leitores a ensaiarem um formato diferente de debate.

O próprio Ricardo Noblat constata que os leitores que comentam notícias de seu blog dividem-se entre os que atacam e os que defendem com paixão o PT e o governo Lula. Eles voltam a esse assunto qualquer que seja o tema tratado no post do jornalista. Diz Noblat: “Às vezes vira um diálogo de surdos: escrevo sobre as eleições iraquianas e os leitores discutem sobre a viagem de Lula a Davos. Não importa: escrevo assim mesmo”. (*Observatório da Imprensa*, n. 314, 1 mar. 2005)

Para o leitor “Justiceiro”, os versos de “Imagine” são um lugar de memória: “Eu ainda me lembro do Natal de 1980 devido à tragédia com John Lennon. Era criança e acabara de ganhar o Double Fantasy (LP). As TVs e rádios não paravam de tocar as músicas de Lennon (Starting Over, Imagine...)”. “José Ninguém” entra no exercício coletivo de imaginação e diz: “Imagine John Lennon sessentão, com longos cabelos brancos, de mãos dadas com a japonesa, liderando a demo no Central Park contra a guerra do Iraque, puxando o “Give Peace a Chance” no megafone e fazendo a diferença para não reeleger Bush...” É mais uma vez o passado surgindo como modo de repensar o presente de que trata a imprensa, de complexificar sua compreensão.

O comentário de “Passolargo” que vem em seguida é destinado a “prof. Caldas”, um dos leitores que havia falado mal de Yoko Ono. Ele diz: “Acho que ela foi importante na vida do John no sentido de fazê-lo se sentir mais homem, mais maduro. [...] Agora, de volta à política... shit.” É como se, para ele, o espaço do *blog* existisse necessariamente para abrigar discussões políticas e não para recordar a vida e a obra de um ídolo.

“Mago” diz: “Para o ser humano viver no mundo de *Imagine* seria tedioso demais, uma vida sem sentido, praticamente impossível. Uma utopia”. E é logo contestado por “Bogart”: “Tedioso por quê? Será melhor termos guerras, poluição, stress, conflitos religiosos?” Mas, como quase sempre acontece quando o debate começa a ficar muito sério, um leitor faz um comentário irônico. É “Cacau” que muda o ‘clima’ dos comentários ao afirmar: “Imagine se o Noblat publicasse uma versão correta e bem feita da letra de Imagine... Lennon agradecería e os leitores também”. A ironia e a criatividade, quase sempre confinadas no jornal tradicional a algumas poucas colunas, dão vida e graça à leitura do blog.

Numa mostra de que não há ponto de vista que não possa ser debatido no blog (se manifestado dentro de determinadas normas de boa conduta), um dos últimos comentários suscitados reclama do fato de que o país reverencia um “ídolo consumidor de drogas”, que tinha a “promiscuidade como meio de vida”, em vez de lembrar o aniversário da Intentona Comunista, quando 33 brasileiros foram “executados por assalariados de Moscou”, entre eles Luís Carlos Prestes e Olga

Benário. Na mesma linha, num longo comentário crítico, “Faca Afiada” afirma que Lennon ganhou milhões às custas “dos tolos que acreditam nessa demagogia barata”.

O texto que se inicia com o jornalista lembrando o aniversário da morte de Lennon passeia, na área de comentários, pela relação do ídolo com Yoko, drogas, criatividade musical, política nacional e política internacional, entre outros tópicos. É nesse sentido que dizemos que o texto vai se (re)construindo, se (re)configurando a partir dos comentários, conforme as referências que mobiliza e os critérios de construção a que recorre.

Umberto Eco (1986) afirma que os interstícios de um texto são preenchidos por seus leitores, durante o ato de leitura. Como os leitores têm diferentes “competências” (Eco, 1976, p. 38) – lemos o termo usado pelo autor como referências culturais, experiências, gostos etc – uma mesma notícia remete a assuntos diferentes, que vão se interconectando no diálogo travado. Nas áreas de comentários do blog, os interstícios de que fala Eco são não apenas preenchidos internamente, como explicitados por alguns leitores, remetendo a questões imprevisíveis.

Espaço de catarse

O segundo bloco de comentários analisado é desencadeado pela publicação, também no Blog do Noblat, da foto⁷⁴ do deputado José Dirceu de malas na mão, deixando Brasília no dia seguinte ao da cassação de seu mandato como deputado federal. A imagem provocou 419 comentários⁷⁵, entre os quais selecionamos os mais representativos do debate suscitado.

⁷⁴Foto de Dida Sampaio/AE.

⁷⁵Quando voltamos à nota em 11 de dezembro de 2006, o número de comentários havia caído para 119. Entre os comentadores citados que foram excluídos dos arquivos do blog estão “Hugo-a-go-go”, “Nariz Gelado” e “Incredible 2”.



Legenda: De mala e cuia, hoje, o ex-deputado José Dirceu deixou Brasília e embarcou para São Paulo. (Blog do Noblat, 2 dez. 2005)

A imagem serviu para o deleite dos leitores antigovernistas, muitos dos quais usaram o espaço do blog para fazer críticas e acusações. O leitor “Hugo-a-go-go” é um deles: “E NÃO REVISTARAM AS MALAS ???????? CERTAMENTE ESTAVAM CHEIAS DE DOLLARES !!!!! SEM FALAR DA CUECA !!!!!”. Numa segunda mensagem, acrescenta: “Notem como as calças do meliante estão amarfanhadas... certamente tem dollar”. O leitor “Nariz gelado” agradece ao colunista por ter publicado a foto. Explica que assim terá a oportunidade de usá-la para espantar insetos. O blog funcionou como espaço de catarse, num momento em que denúncias de corrupção na esfera federal de governo revoltavam uma parcela significativa da população.

Os leitores não usam meias palavras para dar suas opiniões. Ao contrário, provocam seus oponentes políticos, se esforçam por ridicularizá-los perante o público geral do blog (que, afinal, não é composto só de leitores que fazem comentários). Parecem querer dissuadi-los de defender publicamente o governo. Nesse movimento, muitos se referem aos petistas como “petralhas”, numa provável alusão aos irmãos metralhas, de Walt Disney.

“Kosel”, que aproveita o espaço para fazer propaganda do próprio blog no fim de seu comentário, tenta aprofundar a discussão num comentário bem-articulado sobre José Dirceu: “sem ser orador brilhante ou líder carismático, aquele que já foi

chamado de primeiro-ministro tentou e continuará tentando passar a impressão de que nada fez de errado. Ao contrário, é um pobre coitado, um humilde, um inocente [...]”.

Na opinião de “Incredible 2”, o deputado deveria devolver a maleta que usa, descrita como “aquela que deputados recebem no início da legislatura”, “comprada com o dinheiro do contribuinte”. A leitora “Luiza” aparenta ironia ao dizer: “Povo sem coração. O Dirceu tão desamparado e vocês não param as críticas [...]”. Um dos poucos leitores a defender abertamente o deputado é “Professor Luizinho”⁷⁶, que questiona: “Que democracia é esta que cassou de forma discricionária o mandato do companheiro-camarada José Dirceu?” Ele argumenta: “Se a CPI não provou que existe mensalão, como pode haver um chefe do mensalão? Se este Congresso é o que chamamos de expressão democrática, a essa democracia não darei o meu voto [...]”. É com a mesma seriedade que “Troiano”, freqüentador assíduo do blog, apresenta argumentos contrários numa sucessão de três comentários:

José Dirceu julga-se um injustiçado. Alega que a sua execução política não se deu em razão do que fez, mas, sim, pelo que ele representava. Segundo ele, o seu glorioso passado de luta revolucionária, a firmeza de suas crenças, a determinação com que as defendia, tudo isso contribuiu para criar em torno de si uma aura de antipatia e arrogância. [...]

Foi sob a sua égide que o corpo do Estado foi esquartejado e sua carne, repartida entre os companheiros do partido. Já tão maltratado pelo secular nepotismo, o Estado brasileiro passou a ser flagelado pela prática do "nepetismo", ou seja, a ocupação dos altos cargos pelos partidários do PT. O mérito foi trocado pela convicção; a competência, pela militância; o diploma de graduação, pela carteirinha de filiação.

José Dirceu tem razão num único ponto: quando afirma que foi cassado por aquilo que ele representa. O que ele representa é a quase total desmoralização, perante a opinião pública, da política como ofício, do Parlamento como instituição e da democracia como regime. Muito tempo será necessário para juntar e recompor os cacos a que Dirceu reduziu as nossas instituições. Vá embora, José Dirceu. Ninguém haverá de prantear no seu túmulo. Sua falta, com certeza, não faz falta. (Blog do Noblat – área de comentários, 2 dez. 2005)

⁷⁶Não é possível saber ao certo se o leitor registrado como Professor Luizinho é de fato o deputado petista professor Luizinho, uma vez que qualquer pessoa pode se registrar no blog com qualquer nome. O teor do comentário, contudo, nos faz acreditar que o deputado entrou no blog para debater a cassação de Dirceu com os demais leitores.

Pouco depois “Luiza” faz o anticlímax desses comentários ao escrever: “Troiano, que profundo, cara”. Embora “Troiano” se oponha a José Dirceu, pareceu ao leitor “Pepe” que ele é um petista enrustido. Diz: “Troiano, sai do armário, camarada! Na tua idade ficar mentindo é feio... assume tua petistize (sic) que é mais ético...”

O leitor “Dr. Gustavo” desvia as discussões e aproveita o espaço do blog para dar uma informação de cunho jornalístico a Ricardo Noblat e aos leitores. Ele escreve um bilhete em que afirma que um juiz do Paraná determinou a investigação das contas das campanhas do PT em 2004, em quatro cidades. Dá uma série de detalhes. É também “Dr. Gustavo” que associa outro fato noticiado na mesma semana – o inexplicado pranto de uma imagem de Nossa Senhora, nos Estados Unidos – aos acontecimentos políticos no Brasil. Ele afirma:

Caro Noblat!

Lágrimas avermelhadas caem dos olhos de uma imagem da Virgem Maria em uma igreja de Sacramento, capital da Califórnia, desde o início de novembro, sem que ninguém saiba explicar o fenômeno.

Com todo o respeito, talvez seja a tristeza da mãe pelos seus filhos brasileiros, vilipendiados em sua honra e maltratados pelo governo que roubou os sonhos e as esperanças de toda a nação... (Blog do Noblat – área de comentários, 2 dez. 2005)

Tal comentário é um dos que incorpora claramente o recurso da dramatização – que, como vimos, costuma ser usado pelos blogueiros conjugado a fortes doses de ironia. Para “Dr. Gustavo”, entretanto, o drama parece sério. E é usado para demonstrar sua indignação quanto à situação política do país. Em trabalho a propósito de cartas-manifesto veiculadas na Internet, Sá e Albuquerque (2001) chamam a atenção para o fato de que

a interatividade que caracteriza o meio abriria novas perspectivas no sentido de possibilitar o estabelecimento de um debate político no sentido verdadeiro do termo, de *troca* de idéias, ao invés de um processo unidirecional e autoritário de transmissão de mensagens”. (Sá e Albuquerque, 2001, p. 154)

Os autores consideram que a Internet poderia estar se constituindo em recurso decisivo para a instauração de um espaço público ampliado, no sentido que Habermas

dá ao termo. Se por um lado, no período analisado o blog não é percebido como esfera de criação de um movimento social organizado, por outro não resta dúvida de que vem promovendo um intenso debate sobre temas relevantes para o país. Se Dirceu foi injustiçado ou se teve o que mereceu, é o leitor que decide. Embora nas notas que refletem suas próprias opiniões Noblat venha fazendo uma série de críticas ao governo, ao abrir a discussão sobre o tema, deixa amplo espaço para que o leitor conheça opiniões diferentes e chegue a conclusões contrárias às suas. Ora com seriedade, ora com ironia, argumentos distintos, em formatos completamente diferentes, se enfrentam todo o tempo. Uns leitores endereçam seus comentários ao blogueiro, mas outros trocam mensagens entre si, contrapondo seus pontos de vista aos de outros leitores.

Metaleituras de uma entrevista

Uma nota intitulada “O que Dilma disse e o que quis dizer”, do Blog do Noblat, desencadeia uma série de outras questões. Nela o jornalista Ricardo Noblat se propõe a ler as entrelinhas da fala da ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff⁷⁷. Na primeira parte do texto, o jornalista transcreve trechos de uma entrevista coletiva da ministra; na segunda, se propõe a ler as entrelinhas de sua fala. Os leitores, por sua vez, fazem uma leitura crítica dessa leitura crítica, num curioso jogo de construção de sentido.

As declarações foram dadas três semanas depois de encerrada uma longa discussão pública entre Rousseff e o ministro da Fazenda Antônio Palocci acerca da condução da política econômica do governo Lula. A ministra dizia que a estratégia de Palocci de manter um superávit primário, combinada com a política de juros altos do Banco Central, prejudicava o crescimento do país. O ministro, por sua vez, recorria ao argumento de que a redução do superávit provocaria um aumento da dívida pública, ainda mais prejudicial à economia. Depois de semanas de brigas por meio dos jornais, o presidente Lula pediu que os dois ministros se contivessem, pelo bem

⁷⁷Dilma Rousseff foi nomeada para suceder José Dirceu na chefia da Casa Civil em junho de 2005, pouco após eclodir o escândalo do mensalão. Até então era ministra de Minas e Energia.

do governo. Foi sob essa orientação que a ministra concedeu a entrevista comentada por Noblat e por 147 leitores⁷⁸:

O que disse hoje em Brasília a ministra chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff:

- que espera um desempenho positivo da economia no quarto trimestre, mas que ainda não é possível prever de quanto será a expansão;
- que a desaceleração da economia brasileira no terceiro trimestre – queda de 1,2% – reflete os aumentos na taxa de juros promovidos há mais de seis meses;
- que com a tendência de queda dos juros, inaugurada pelo Banco Central em setembro, ela espera que a economia volte a crescer em breve e siga crescendo;
- que "não há a menor hipótese" de o ministro da Fazenda, Antonio Palocci, ser afastado do governo.

O que a ministra chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, quis dizer:

- que a política de juros altos foi culpada pelo péssimo desempenho da economia no último trimestre;
- que os juros vão cair (apesar de Henrique Meirelles, presidente do Banco Central, defender a política de juros tal qual ela é);
- que os juros cairão com Palocci no comando da economia. Salvo se ele não quiser (e aqui sou eu que digo).

Esse era exatamente o plano do então ministro José Dirceu no início do segundo ano de governo: fazer mudanças na política econômica com Palocci no leme. (Blog do Noblat, acesso em 7 dez. 2005)

“Inaudito” diz que a análise de Noblat está perfeita, mas “Ana Flavia Linda” discorda veementemente. Sua leitura da leitura de Noblat sobre o que diz a ministra é pura demonstração de arrogância: se o jornalista soubesse o que Dilma quis dizer, afirma a leitora, “já teria acertado umas três megasenas gordas e se mandado para a Polinésia”. A leitora diz ainda que os jornalistas “se acham semideuses”, donos da verdade.

Mais adiante, “Sinvaldo”, leitor que frequenta também as áreas de comentários dos *posts* de Josias de Souza, arrisca sua própria interpretação sobre o que disse a ministra, a partir do ponto de vista de Noblat: “Ou caem os juros ou caem o Palocci e o Meirelles”.

“Lyoning” critica Rousseff, ao chamar a atenção para o que, em sua opinião, foram problemas de gestão dela como ministra de Minas e Energia: “O que Dilma

⁷⁸Dos 147 comentários deixados no blog do dia em que a nota foi postada, restaram apenas 35 na data de 11 de dezembro de 2006. A maioria dos leitores cujos comentários analisamos foi excluída do blog – entre eles “Ana Flávia Linda”, Sinvaldo e “Bobbio”.

não disse é que as PPPs⁷⁹ fracassaram. [...] O governo Lula sequer (sic) fez um PPP. Olha o apagão vindo... Por culpa da guerilheira”. Quem lê o blog experimenta várias possibilidades de leitura sobre um mesmo assunto, a partir dos pontos de vista explicitados. Não terá, dessa forma, muito mais chances de chegar a uma conclusão própria?

Depois de uma extensa discussão sobre o que quis, afinal, dizer a ministra, “Bobbio” desvia o assunto. Insinua que seria uma falácia a suposta competência do então governador de São Paulo, Geraldo Alckmin – já considerado na época nome forte para disputar com Lula as eleições presidenciais. Ele faz do site um espaço de antipropaganda política e de denúncia, ao escrever o seguinte, texto, possivelmente transcrito de algum veículo de comunicação:

GERENTE COMPETENTE.

Governo Alckmin.

O caso da bancária Márcia, 39, é um exemplo. Paciente da clínica de ginecologia do HC, no último dia 21 ela foi informada de que não poderia se inscrever no centro de reprodução porque o limite de idade era de 38 anos. ‘Ainda fui obrigada a escutar que não valia a pena investir em mim. Me senti um lixo’, desabafa Márcia. (Blog do Noblat – área de comentários, 7 dez. 2005)

O relato não é bem-acolhido. A partir dele, chega uma avalanche de críticas. Um leitor o chama de “babacão do PT”, outro diz que “Bobbio” é “cômico” e um terceiro, “Alberto”, faz piada antipetista, ao dizer: “O PT REALMENTE É UM PARTIDO DIFERENTE. ALGUNS POLITICOS DOS OUTROS PARTIDOS SÃO CORRUPTOS. ALGUNS POLÍTICOS DO PT NÃO SÃO CORRUPTOS”.

É imprevisível a forma como um comentário – de Noblat ou dos leitores – será recebido, pois não há como saber que pessoas, e com que opiniões, estarão *on line* no momento em que uma nota é posta no blog. Mesmo assim, para muitos, vale a pena correr o risco. A despeito das críticas que recebem, os leitores que desagradam continuam argumentando, agregando informações ou simplesmente implicando com seus adversários. Depois de ser execrado por vários leitores, “Bobbio” trouxe dados

⁷⁹ PPPs são parcerias público-privadas, defendidas pelo governo como meio para retomar os investimentos em infra-estrutura no país.

positivos da economia no governo Lula. Disse que saltou do 16º maior do mundo em 2002 para o 10º em 2005. “Lyoning” contra-argumentou na hora: “Bobbio, não seja bobo. A evolução do PIB se deu pela desvalorização do real. Já fomos o 8º maior PIB do planeta”.

O humor – ora mais elegante, outras vezes mais grosseiro – é uma constante. Em resposta ao leitor que pergunta se Noblat é tucano e pede que ele “disfarce” essa preferência política, o leitor “Thil”, declara: “Qual o problema dele ser tucano? [...] Se você quer ler algo petista vai ver a *Carta Capital*”. Na seqüência, “ninguémvaipreso” anuncia que novas denúncias levarão à derrocada o presidente “Lullinha” e, num misto de agressividade e ironia, recomenda: “Façam cursinhos de informática e aprendam línguas. Vocês vão precisar!” Depois de muitos outros comentários contra e a favor do governo, “Pinduka” reclama, num desabafo. O blog é local de explosão de narrativas:

Não importa se PT ou PSDB. Nós o povo é quem pagamos a conta. Alguém tem idéia de quantas pessoas, quantas crianças (nossos irmãos BRASILEIROS) que esta CORJA (de políticos indiferentemente de partido) já morreu POR CONTA DA ROUBALHEIRA. [...] Meu Deus! Meus Deus! Meu Deus! Quando será que vamos ter direito a ir nos hospitais e ser atendidos com o DIREITO [...] que todos temos? E o Direito à Educação, à Segurança, ao Respeito como cidadão? Será que não existe nenhum político que faça jus à DIGNIDADE que todos nós POVO Brasileiro temos? O que nós POVO podemos fazer por nós mesmos? Continuar votando em nossos políticos? Que NOJO. Que Asco. Que Ojeriza. (Blog do Noblat – área de comentários, 7 dez. 2005)

O recurso da simplificação, muitas vezes quebrado pelos jornalistas-blogueiros, também passa ao largo de boa parte das falas dos leitores. Em narrativas não lineares, que conjugam juízos pessoais e fatos divulgados pela mídia, seriedade e brincadeira, indignação e esforço de compreensão, os comentaristas demonstram ter prazer em vislumbrar os vários aspectos possíveis de uma mesma notícia. Eles não parecem acreditar que o jornalismo precise eliminar as complexidades que uma notícia pode envolver.

Leitores *versus* blogueiro

O quarto conjunto de notícia e comentários escolhido para análise refere-se a um tema que suscitou debates acalorados nos blogs: a realização do referendo⁸⁰ sobre a comercialização de armas de fogo e munição no Brasil, em outubro de 2005. Faltando pouco mais de um mês para o referendo, parecia óbvio que o “sim” ganharia – quer dizer, que a lei que proíbe as armas seria referendada pela população. A campanha contra as armas angariou a simpatia de dezenas de formadores de opinião do calibre de Chico Buarque de Holanda e Fernanda Montenegro. O elenco da TV Globo aderiu. Vestidos de branco, eles pediam um mundo sem armas. Mas, num momento em que a falta de segurança afligia gravemente a população (como ainda aflige), a campanha do “não” foi progressivamente ganhando espaço. Seu principal argumento: se vencesse o “sim”, só os cidadãos “de bem” iriam se desarmar, não os bandidos. Sob esse aspecto, referendar a lei seria abrir mão de um direito.

A nota a seguir foi postada faltando exatos 20 dias para o referendo, quando a campanha do “não” já vinha numa curva ascendente. Isso aparece na leitura dos 167 comentários que a nota suscitou – a grande maioria refutando os argumentos de Moreno pelo “sim”.

Armado ou não

CENA I

Fui, certa vez, numa sapataria consertar uma mala. Enquanto era atendido, eu era provocado por um outro cliente da fila. Ele estava com pressa, mas muito agressivo. Eu ponderei que não responderia em respeito a idade dele. Ele era muito mais velho que eu. Sentindo-se ofendido, ele sacou uma arma e a apontou para minha cabeça, exigindo que eu dissesse quem era velho ali. O sapateiro implorou para eu ficar quieto. Senti-me humilhado e indefeso. Mais tarde descobri a identidade dele. Era um ex-deputado e funcionário da Câmara. [...] a cena do revólver apontado para a minha cabeça nunca me saiu da memória.

CENA II

Estava na fila do caixa do supermercado. Atrás de mim, uma senhora, a quem avisei que uma amiga viria logo com outro carrinho de compra. E perguntei se isso a

⁸⁰Referendo é uma forma de consulta popular sobre um assunto de grande relevância, pela qual o povo se manifesta sobre uma lei já constituída. Cabe ao cidadão ratificar ou rejeitar o que lhe é submetido. No referendo realizado em 23 de outubro de 2005, o povo foi chamado a se manifestar quanto ao art. 35 da lei que diz: "É proibida a comercialização de arma de fogo e munição em todo o território nacional, salvo para as entidades previstas no art. 6º desta Lei" (rol dos agentes que podem portar arma de fogo). O “não” venceu com 63,94% dos votos válidos, contra 36,06% do “sim”. Quer dizer, a população optou por manter a venda de armas e munição para pessoas autorizadas.

incomodaria. Ela respondeu que não, até porque seu marido ainda estava pegando uns produtos na prateleira. Ele chegou, colocou as compras no carrinho e logo chegou minha amiga com outro carrinho. Ele fez um escândalo. Eu ignorei. Ele quis me obrigar a não passar os dois carrinhos. Eu não atendi. Ele sacou uma arma e me obrigou a fazer o que tinha pedido. [...] Ele se identificou como sargento da PM e disse que se fosse denunciado iria passar o resto da vida me procurando para me matar. [...]

Conclusão: A pessoa armada se sente soberana e impune. Eu sou a favor do desarmamento. Mas não usarei este espaço para fazer campanha. Quero ouvir aqui os dois lados para que você tire suas conclusões. Eu só sei que vou dizer SIM no dia do referendo. (Blog do Moreno, 3 out. 2005)

Moreno diz que não está fazendo campanha, mas sem dúvida está (o que é perfeitamente legítimo). Isso fica claro com a leitura de seu *post*. Ele não apresenta argumentos a favor dos dois lados. Ao contrário, declara seu voto e o justifica ao narrar duas histórias em que discussões do dia-a-dia puseram em risco sua vida. Seu objetivo maior, contudo, é provocar o debate em torno do referendo. Atento à contradição do blogueiro, o leitor “Mauro Panzera”⁸¹ reclama do fato de Moreno negar que esteja defendendo uma posição, e critica seu estilo de fazer jornalismo. A propósito, o jornalismo é um dos temas mais discutidos nos blogs analisados, depois da política. O leitor opina:

e o cara ainda diz q ã vai fazer campanha... é dessa mesma forma q o moreno ataca a esquerda... desce o pau e finge q é imparcial... com essa opinião eu concordo (voto sim também), moreno, mas q vc manipula direto, distorce, falseia, pega pequenos flashes da realidade e generaliza, ah isso vc faz sim. mas ã é porque a causa é justa q vou concordar com esse estilo. tá na hora da imprensa brasileira melhorar [...] (Blog do Moreno – área de comentários, 3 out. 2005)⁸²

“Mônica Ierullo” sustenta que votará pelo “não” para evitar o tráfico de armas e “newton sampaio de a jr.” diz estar em dúvida, mas lembra a Moreno que, na história narrada, pelos cargos que ocupam, os dois personagens que o ameaçaram permanecerão armados mesmo que haja a proibição da venda de armas. Vários leitores usam esse mesmo argumento. “Carlos Soares”, ao mesmo tempo veemente e

⁸¹No Blog do Moreno, diferentemente do Blog do Noblat, a maior parte dos leitores faz comentários usando nomes próprios, muitas vezes acompanhados de sobrenome. Supomos que boa parte das vezes esses nomes sejam verdadeiros mas, para manter o padrão, optamos por usar as aspas.

⁸²“q” é a abreviação de “que”, “ñ” de “não” e “vc” de “você”.

irônico em sua argumentação, agrega informações relevantes à discussão, demonstrando conhecimento acerca do tema:

[...] Você como jornalista deveria se informar melhor sobre o assunto antes de ser a favor do desarmamento. Tenho uma má notícia prá você: os dois débeis mentais que fizem (sic) isso com você vão continuar armados após o seu voto, pois não serão atingidos pelo referendo. [...] O referendo vai simplesmente proibir que alguém possua uma arma em casa, seja esse alguém você ou eu. Mas eu tenho uma outra má notícia: os bandidos estão votando igualzinho a você. É uma pena que uma posição tão obviamente equivocada ainda seja objeto de discussão e inacreditável apoio de pessoas inteligentes. Carlos Soares. (Blog do Moreno – área de comentários, 2 out. 2005)

O discurso “armas são más porque quando estamos com raiva podemos sacá-las tirando a vida de outras pessoas” é insuficiente para convencer os leitores. Eles exigem o aprofundamento do assunto, tantas vezes posto de lado pelo jornalismo. Qualquer deslize é apontado, qualquer incorreção, criticada. Na mesma linha irônica de “Carlos Soares”, “jose carlos maciel” diz que a proibição das drogas não evita que pessoas se droguem, a proibição ao roubo não evita os roubos e a proibição de “comer a maçã” não impediu o pecado de Adão e Eva. Logo, para ele, a proibição do comércio de armas será inócua. Depois, o leitor reclama do fato de o governo gastar R\$ 500 milhões na realização do referendo. “Denise Barros” concorda e afirma: “Chega de novas leis. Que se cumpram as existentes”.

O leitor “januel cavalcanti ferreira” também traz números para fortalecer sua argumentação. Afirma que “Não são responsáveis as 1.200 armas, vendidas legalmente no último ano, pelas quase 40.000 mil mortes neste país!” Num outro comentário, pede investimento maciço em educação como modo de reduzir a criminalidade no país e, num terceiro texto, conta já ter impedido o assalto de um vizinho por ter dado dois tiros para o alto com sua arma. Após uma longa sucessão de argumentos pró “não”, o leitor “Paulo Bruno”, que se diz favorável ao “sim”, porém “sem muita convicção”, divide com Moreno e seus leitores os argumentos que está levando em conta contra e a favor da comercialização da venda de armas:

[...] Acho perfeitamente normal um cidadão, que esteja treinado para tal, ter em sua casa uma arma para se defender de possíveis criminosos, não me acho no direito de tirar esse recurso de ninguém. O problema é que não conheço nenhum exemplo de alguém que tenha usado armas em suas residências para se defender com sucesso de bandidos. O que conta num caso desses é o fator surpresa, ninguém fica em casa com a arma nas mãos. Por outro lado, conheço inúmeros casos de bêbados, cornos, nervosinhos no trânsito, ciumentos, drogados, e todo tipo de pessoa desequilibrada atirando por aí com armas registradas. Até lá posso mudar de idéia! (Blog do Moreno – área de comentários, 3 out. 2006)

Na seqüência, “Daniel Negrini” defende o “sim” com mais firmeza, a partir de um argumento apresentado por “Paulo Bruno”. Afirma que muitos crimes são cometidos por pessoas “de bem” em momentos de nervosismo, e lembra que “a maioria dos assassinatos é cometida por ‘amigos’ e parentes das vítimas...” “Maria Ignez Antunes da Fonseca” chama a atenção para o fato de que os donos dos estabelecimentos comerciais que vendem armas estão usando políticos e imprensa para fazer uma campanha pesada pelo “não”.

Nesse acalorado debate, os leitores tornam-se formadores de opinião e o jornalista formador de opinião sem dúvida aprende mais. O leitor “Marcos Oliveira” diz ter esperanças que Moreno mude de idéia. Segundo ele, a leitura dos comentários prova que “os leitores são muito mais inteligentes que o colunista”. Acrescenta: “Se os dois casos citados são os únicos argumentos para o distinto votar sim, ele deveria pensar melhor [...]”. O leitor “Indalécio Garcia” usa a criatividade para argumentar. Imagina a continuidade da narrativa de Moreno e descreve:

[...] CENA III: Vc está em casa, dormindo ao lado de sua esposa, seus filhos dormindo no quarto ao lado, e é acordado pelo barulho de um ladrão tentando arrombar a porta. Não adianta ligar para a polícia porque entre o telefonema e a chegada dos policiais o ladrão já terá conseguido entrar. Com uma arma, vc pode efetuar um disparo contra a porta e afugentar o bandido. Sem uma arma, ele entrará na sua casa e só Deus sabe o que poderá acontecer a você, à sua esposa ou a seus filhos. Não sou a favor do porte de arma, que geram (sic) situações como as descritas nas cenas I e II, mesmo porque o referendo não é sobre porte de arma. Sou a favor do direito de ter uma arma em casa, para o caso da cena III. É esta proibição que está em jogo. Abraços. (Blog do Moreno – área de comentários, 3 out. 2006)

“Everaldo”, que se diz proprietário rural, conta que não tem como garantir a segurança de sua propriedade se abrir mão de possuir uma arma. O recurso de

personalização da notícia, utilizado por Moreno nas descrições das cenas em seu *post*, é adotada também por esse leitor, como por muitos outros. Eles falam a partir de situações concretas vividas por si mesmos ou por personagens amigos, esperando ver o problema do desarmamento discutido com base em situações concretas, não apenas no campo do discurso.

É interessante observar também que muitos leitores pró “sim” consideram argumentos do “não” e vice-versa. Não se trata de um debate do bem contra o mal. Quem vota contra as armas não é necessariamente amante da idéia de possuir uma. Por outro lado, muitos dos que defendem a proibição temem que o desarmamento da população aumente o poder dos bandidos. Nesse sentido, os leitores conseguem estabelecer um debate muito mais sincero do que o travado por boa parte dos principais veículos de comunicação, onde o que prevaleceu foi a defesa irrestrita de uma posição ou de outra.

No dias seguintes à publicação do *post* que transcrevemos, o jornal *O Globo* realizou um debate sobre o referendo e Moreno ainda voltou ao tema duas vezes, no esforço por dar seqüência às discussões. Primeiro escreveu um *post* curto, com o título “Censura Não”, no qual escreveu que “a turma que faz campanha do ‘não’ para o referendo de 23 de outubro quer censurar novela das sete, achando que ela faz campanha para o ‘SIM’. Ponto negativo para a turma do ‘Não’. Em seguida, disse que o debate estava quente no auditório e pediu que os leitores dessem suas opiniões tentando ser sintéticos. Arrematou procurando estimular ainda mais a participação do leitores, ao dizer: “quem sabe a sua opinião consiga sensibilizar os leitores indecisos?”

Espaço de reconhecimento?

Por fim, escolhemos analisar os debates travados a partir de uma nota do blog de Josias de Souza sobre o primeiro processo a julgar um caso de racismo praticado na Internet. Um problema antigo num lugar novo. Ao suscitar a discussão quanto ao tênue limite entre a liberdade de expressão na rede e o uso abusivo dessa liberdade

para cometer crimes como a disseminação do racismo, o *post* remete à nossa proposta de investigar as fronteiras do jornalismo, nos blogs.

É sutil o limite entre a crítica saudável ao jornalismo, ainda que enfática, e a ofensa pessoal aos jornalistas; entre a discussão acalorada e a baixaria nas áreas de comentários. Ou entre o texto que rompe delimitações teóricas sobre o que seja notícia e o que, recorrendo à máxima da liberdade possível nos blogs, nada diz de relevante. Da mesma forma, é de delimitação delicada também o que pode e o que não pode ser tratado na rede, e de que maneira. Vejamos como os leitores apresentam o problema, a partir do *post* em questão:

Aberto primeiro processo por racismo na internet

Corre na 6ª. Vara Criminal de Brasília um caso inédito. Trata-se de um processo por crime de racismo praticado na internet. É o primeiro do gênero no país. O Ministério Público do Distrito Federal acusa um estudante da UnB de difundir na rede mundial de computadores mensagens consideradas ofensivas à raça negra.

O blog obteve cópia da denúncia. O acusado se chama Marcelo Valle Silveira Mello. Está matriculado no curso de Letras da UnB, na cadeira de japonês. Contrário ao sistema de cotas da universidade, ele manifestou sua posição publicamente, por meio da internet. Entre outras qualificações, chamou os negros de “macacos subdesenvolvidos”, “ladrões”, “vagabundos”, “malandros” e “sujos”.

Processado pelo promotor de Justiça Marcos Antônio Julião, o estudante deveria ter prestado depoimento na 6ª Vara no dia 23 de janeiro. Seus advogados, porém, impetraram um recurso chamado tecnicamente de “incidente de sanidade.” Significa dizer que alegam que seu cliente não estaria no seu juízo perfeito. [...]

As mensagens de cunho racista foram divulgadas, entre junho e julho de 2005, no [Orkut](#), um sítio de relacionamento mantido pela empresa Google. Permite que o internauta estabeleça contato com comunidades virtuais compostas de pessoas com as quais tenha afinidade de interesses.

Uma das exigências do serviço é a veracidade das informações que o usuário presta ao preencher sua ficha pessoal, de acesso público. O que facilitou ao Ministério Público a identificação do estudante. Intimado pelo promotor Marcos Antônio na fase que antecedeu à apresentação da denúncia, Marcelo Valle não negou a autoria das mensagens. Alegou, porém, que não teve a intenção de ofender os negros. [...] (Nos batidores do poder, 31 jan. 2006)

A leitora “Márcia” faz o primeiro dos 161 comentários que o *post* suscitou entre 0h30m de um dia e 9h02m de dois dias depois. Quanto ao argumento utilizado pelo advogado do réu, ela diz: “insanidade mental? Insanidade moral, isso sim”. Já “Igor” chama a atenção para uma possível repercussão do caso, no universo dos blogs, ao afirmar: “Isso é um aviso para algumas pessoas que freqüentam este blog e

ofendem as pessoas com chingamentos (sic) racistas do tipo: nordestino louco, subdesenvolvido, apedeuta, preguiçoso, raça subdesenvolvida, etc... Vocês podem ser condenados por racismo, se liguem [...]”.

A discussão esquenta quando o leitor que assina como “o ultra liberal” diz não achar que a personagem do *post* de Josias fez nada de mais ao divulgar mensagens racistas no Orkut. Ele questiona: “Cadê a liberdade de expressão nesse país? Ele não praticou nenhuma violência nem incitou. Por mais que suas palavras expressem seu ódio deplorável, são apenas suas palavras, e não deveriam ser punidas pelo Estado”. Os debates passam a ser pontuados por esse comentário. Entre as dezenas de leitores que criticam o “ultra liberal” está “Vinícius”, que afirma: “o direito de liberdade de expressão é válido quando não atinge a dignidade de outras pessoas”. Esse argumento se repete na voz de vários outros.

Mas os argumentos do “ultra liberal” também angariam adeptos. “Christiano” fala que concorda com ele “em gênero, número e grau” e “Francisco” diz ver decretada a morte da liberdade de expressão no Brasil, em função do processo. Já “Renan” acha que o acusado deve ter escrito suas opiniões no Orkut sem medir conseqüências. “André” também acha exagero processar o estudante. Argumenta: “O cara pode e deve ser considerado um débil mental, mas daí a ser criminoso tem um grande diferencial”. Assim como no caso das discussões a respeito do referendo, muitos se colocam em posições intermediárias, como esse leitor que, contrário ao racismo, acha que a atitude do estudante não justifica uma acusação criminal.

Mais adiante, quem entra na conversa é o leitor “Gu”, que se diz ex-colega do estudante acusado de difundir o racismo na Internet. É curioso que ele dá supostos detalhes sobre a personalidade do réu, na sua visão. Mantém o próprio sigilo, mas não omite detalhes desabonadores da vida do outro. No fim de seu comentário, dá uma dica de apuração a Josias de Souza, afirmando que o estudante acusado tirou do ar o *site* de uma agência de notícias.

Fui colega do Marcelo [...] e posso dizer categoricamente que o rapaz não é insano. É um “nerd” que adora computadores (estuda também computação em outra faculdade e é um hackerzinho de codinome Br0k3d, pelo qual pode ser encontrado no Orkut - “Br0k3d - o Justiceiro”), desenhos animados japoneses e não consegue se relacionar

direito socialmente. [...] ficava tirando onda de que ganhava R\$ 1.500,00 por mês só enviando spams por uma rede de computadores-escravos, e por aí vai. O autor do blog talvez não saiba, mas ele tirou do ar o site da agência de notícias Afropress, como represália por esta ter divulgado seu endereço ou algo assim. Sugiro entrar em contato com eles para uma descrição detalhada da história. (Nos bastidores do poder – área de comentários, 31 jan. 2006)

Já “Bruno porko”, supostamente também conhecido do estudante acusado, opina em favor do processado: “o cara é meio doidera (pura insanidade) mais (sic) num tem porque colocar um cara desses num presídio... talvez o adequado seja um tratamento psicológico!!!”. Já “Bruno” radicaliza ao dizer que “racista bom é racista morto” e “Rodrigo” reflete sobre a opinião de “o ultra liberal”: “Veja só como o liberalismo chega facinho facinho ao fascismo: olha para esse ULTRA LIBERAL, que aqui entrou. Note o comentário dele. Esse daí deveria ser preso junto com o racista imbecil que disse tudo isso no orkut”.

Alguns leitores que se declaram negros agregam pontos de vista importantes nessa discussão. O blog lhes dá voz, no sentido proposto por Martín-Barbero (2003), não de mera representação, mas de reconhecimento. Suas falas não são uma aspa dentro de uma matéria factual. Em vez disso, refletem uma posição coesa num contexto de discussão relevante. Reproduzimos dois desses comentários. O primeiro foi feito por “maria conceição” e o segundo por “adriano amancio de oliveira”, que abre a discussão sobre a política de cotas no Brasil:

Gostaria que as pessoas que escrevem que tudo isso é uma bobagem que o sujeito não quis dizer isso, que sejam negras um dias em suas vidas não esquecendo a infância nas escolas com esses chingamentos (sic) e depois me digam... não é fácil ser negro nesse país, onde o cinismo racial é incrível. (Nos bastidores do poder – área de comentários, 31 jan. 2007)

[...] assim como existe negros pobres e negros ricos, essa lei só beneficia na sua maioria os negros ricos, pois se a intenção com essa lei era incluir os negros na faculdade pelo contrário ela exclui muito mais [...] o governo deveria dar uma cota na universidade pública a partir de uma comprovação de renda, pois para receber o bolsa família não é assim [...] ou então fazer igual ao chile acabar com a universidade pública pois não é justo com meus impostos eu ficar bancando filhos de deputados vereadores etc, estudando em universidade pública [...] esse garoto q colocou essa mensagem no orkut não sabe de nada provavelmente ele é mais um playboy... detalhe disso eu sou negro e não kero (sic) esmola ... (Nos bastidores do poder – área de comentários, 31 jan. 2007)

Novamente, se faz presente o recurso da personalização, com os próprios leitores se apresentando como personagens que ampliam o sentido da notícia. Esse uso da personalização ajuda na compreensão do tema tratado, já que apresenta um ponto de vista de pessoas envolvidas diretamente com suas repercussões. O que a existência do racismo representa para a sociedade é uma discussão relevante; mas o que esse racismo representa na vida de um negro dá novos contornos à mesma discussão. É interessante observar ainda que, nesse contexto, não é travado um debate de posições óbvias. O autor do último comentário transcrito é um negro que se declara contrário às cotas raciais. Outros leitores que não explicitaram sua etnia se posicionaram a favor. As posições têm nuances distintas.

O leitor “Luiz Henrique Paris” atribui as declarações do estudante no Orkut à “política equivocada como as cotas para negros, afinal de contas quem é negro e quem não é neste país?” Acrescenta: “Esta política de cotas é demagógica e revoltante”. “Allmirante” considera que “racismo é estabelecer quotas para as raças”. Após uma série de comentários contrários às cotas para negros nas universidades públicas, o leitor “Marcelo”, favorável à política, apresenta seus interessantes argumentos num texto pouco cuidadoso no que se refere à grafia das palavras, contudo rico em forma narrativa e extremamente pessoal:

Sou favorável as (sic) cotas sim. Não me considero nego, no Registro tem lá que sou pardo, nem sei o que é isso, devo ser vira-lata, mistura de tudo... Acho engraçado quando se fala que estabelecer quota é racismo. Esse discurso é tão mesquinho que me arrepia. Só não vê quem não quer que a construção da pobreza da raça negra e da raça branca são (sic) diferentes. Os negros nunca tiveram oportunidades, vieram pra cá a força (o Branco veio porque quis, veio arriscar) e quando ouve (sic) a lei aurea foram jogados nas favelas, sem emprego, sem patrimônio. Outro dia estava na policia federal lendo um artigo que falava que os donos dos escravos reclamavam que não foram indenizados, vejam só o absurdo, quem merecia indenização eram os negros. Mais que justo o Brasil começar a pagar essa dívida com as quotas, primeiro os negros e os índios e depois os de escola pública...se sobrar, os demais... Rico e classe média tem mais é que pagar os estudos...senão, no futuro a pobreza vai nos cobrar, c/ a Violência Urbana

“Marcelo” vai ao passado escravocrata para argumentar, utilizando o recurso da consonância. Evoca a escravidão e a falta de oportunidades após a Lei Áurea. Por outro lado, chama a atenção para a dificuldade de definir uma etnia num país

miscigenado como o Brasil. Pardo no papel, o leitor se diz uma mistura de tudo. É interessante que esse mesmo argumento, que costuma ser utilizado por quem é contrário às cotas, é o gancho para “Marcelo” criticar as pessoas que tomam a política de cotas como forma de racismo. Seu pensamento não é linear; ele transmite a impressão de que vai construindo sua argumentação enquanto escreve. Nesse movimento, agrega às referências históricas associações feitas a partir de um artigo que leu e conclui que as cotas resgatam uma dívida social do Brasil.

“Igor” acrescenta que “o Sistema de quotas é um processo de reparação pelos séculos de humilhação, trabalho escravo, exclusão social” e que “esta é uma medida emergencial”. Para ele, o discurso anticotas de alguns leitores refletiria o receio da concorrência.

Por que uma pessoa sente a necessidade de expor sua opinião, a troco de nada, a uma porção de pessoas que nem conhece? Para tentar convencê-los de seu ponto de vista? Para entender melhor seu próprio pensamento, à medida que discute e argumenta? Talvez um pouco de ambos. O que nos parece é que nessas áreas de discussão o leitor muitas vezes pára para pensar no que ele mesmo pensa. À medida que formula seu ponto de vista para expor aos demais, organiza as próprias idéias e, ao mesmo tempo, sente-se participando da vida política do país. À medida em que constrói o texto, se constrói também como cidadão.

A narrativa, nesse caso, além de se constituir como uma maneira de dar sentido ao mundo (Ricoeur, 1997), é também um meio pelo qual um locutor toma contato com o outro e consigo mesmo em busca de respostas. Nessa medida, participar das áreas de comentários dos blogs seria também uma forma de construção de identidade, no sentido de Appadurai (2003), para quem a mídia eletrônica altera o trabalho da imaginação em nossos dias e torna-se aparato social a partir do qual se constituem novas subjetividades.

5.3

Considerações sobre o capítulo

A Internet, que nasce como um espaço de comunicação por princípio inclusivo, transparente e universal, renova também o espaço público da contemporaneidade, ao transformar-se em arena de discussão de temas de interesse da sociedade. Nos blogs, os comentários de leitores nos ajudam a traçar um conjunto de características que, a nosso ver, refletem o grande potencial da rede para renovar o jornalismo.

Em primeiro lugar, parece haver uma identificação do público com o modo do blog de comunicar notícias. Em nossa opinião, essa forma fragmentada e por vezes confusa, mas ao mesmo tempo democrática e plural, vai ao encontro da maneira como são constituídas as identidades da nossa época. Ali o leitor é acolhido; sente-se ouvido e valorizado.

A forma politicamente correta dos jornais é subvertida: o leitor diz o que pensa, da forma como pensa, ainda que suas opiniões vão contra valores tidos como bons, justos e corretos. Outra característica marcante é a presença constante do humor (nem sempre de bom gosto). Blog não é “lugar sério”, como o jornal. É espaço onde o risível e o lúdico não implicam necessariamente em perda de credibilidade.

O leitor, por sua vez, é receptor, mas também produtor de notícias. É participante ativo na construção de sentido dos textos e, sobretudo, na descoberta de um novo sentido de interação. Nos blogs, a própria opinião do leitor está em contínua (re)construção. A verdade não é um valor supremo a ser perseguido; importam mais as versões, em seus mais distintos formatos.

Por outro lado, faz-se necessário ponderar que os debates travados nas áreas de comentários não se transformam necessariamente em ação política e/ou mobilização social. Ao mesmo tempo, no Brasil, a penetração da Internet ainda é restrita, tanto por limitações econômicas (falta de dinheiro para pagar um computador e sua conexão à rede) quanto sociais (alta taxa de analfabetismo). Por enquanto, a Internet ainda é espaço público limitado a uma parcela específica da população.